



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE PALMAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**STÉFANY MONITHELY AQUINO DA SILVA**

**EU QUADRILHEIRA E  
O TRAJETO CRIATIVO DO FIGURINO JUNINO NA QUADRILHA  
CAFUNDÓ DO BREJO DE PALMAS-TO**

Palmas/TO  
2019

**STÉFANY MONITHELY AQUINO DA SILVA**

**EU QUADRILHEIRA E  
O TRAJETO CRIATIVO DO FIGURINO JUNINO NA QUADRILHA  
CAFUNDÓ DO BREJO DE PALMAS-TO**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Teatro para obtenção do título de Licenciado em Teatro e aprovada o em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Doutor Juliano Casimiro

Co-orientadora: Profª Ms. Ana Carolina Fialho de Abreu

**PALMAS/TO  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S586e Silva, Stéfany Monithely Aquino da.  
EU QUADRILHEIRA E O TRAJETO CRIATIVO DO FIGURINO JUNINO  
NA QUADRILHA CAFUNDÓ DO BREJO DE PALMAS-TO. / Stéfany  
Monithely Aquino da Silva. – Palmas, TO, 2019.  
44 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Palmas - Curso de Artes, 2019.  
Orientador: Juliano Casimiro  
Coorientadora : Ana Carolina Fialho de Abreu
1. Quadrilha Junina. 2. Cafundó do Brejo. 3. Traje de Folgado. 4. Traje de  
Cena. I. Título

**CDD 790**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

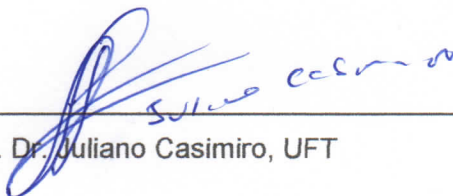
STÉFANY MONITHELY AQUINO DA SILVA

### EU QUADRILHEIRA E O TRAJETO CRIATIVO DO FIGURINO JUNINO NA QUADRILHA CAFUNDÓ DO BREJO DE PALMAS-TO

Artigo apresentada/o à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins –  
Campus Universitário de Palmas,  
Curso de Teatro, foi avaliado para a  
obtenção do título de Licenciado em  
Teatro e aprovada em sua forma  
final pelo Orientadora e pela Banca  
Examinadora.

Data de Aprovação 20/12/19

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Juliano Casimiro, UFT

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcial Asevedo, UFT

  
\_\_\_\_\_  
Prof.(a) Luciélia De Aquino Ramos, Faculdades Objetivo

Palmas - TO

2019

*Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela  
pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que  
seja, não passa de uma selva. É por isso que  
toda a criação autêntica é um dom para o  
futuro.*

*Albert Camus*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nunca me abandonar, e por sempre renovar minhas forças quando eu mais preciso.

Agradeço aos meus pais, por todo carinho, dedicação e confiança depositados em mim, vocês são peça fundamental em minha vida pessoal e profissional, amo vocês.

Ao meu esposo por me dá forças em dias difíceis e por entender todas as vezes que não pude está presente.

Ao meu irmão por me ajudar em todas as vezes que precisei.

Ao meu orientador e professor querido Juliano Casimiro por quem tenho grande admiração e carinho, um profissional incrível e que fez toda diferença durante minha caminhada acadêmica.

Ao professor Marcial Asevedo e a professora Luara Aquino, por terem aceitado fazer parte da banca examinadora, a contribuição e presença de vocês é muito importante para mim.

E por último, mas não menos importante a minha co-orientadora Ana Carolina Fialho de Abreu que coloriu minha vida acadêmica, um ser humano incrível que me fez acreditar em mim quando eu mesma não acreditava mais, a quem não me deixou desistir e que segurou minha mão até o fim, minha eterna gratidão.

## RESUMO

Nesta pesquisa apresento uma reflexão sobre a trajetória do figurino da quadrilha junina “Cafundó do Brejo”, que se apresenta desde a sua fundação, há 26 anos na cidade de Palmas, capital do Tocantins. A pesquisa parte de minha trajetória como quadrilheira, que se iniciou quando eu tinha apenas quatro anos de idade. A pergunta que fundamenta este trabalho é: o que o figurino pode revelar sobre a trajetória da quadrilha junina “Cafundó do Brejo”? Para tanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi feita entrevista com o presidente desta junina, Raimundo Cláudio dos Santos, conhecido por Cláudio Maranhão e pesquisa de campo no concurso junino “Arraiá da Capital”, em Palmas. Ao final do trabalho, apresento os conceitos *Traje de Cena* e *Traje de Folgado* e suas relações com o figurino da quadrilha protagonista da pesquisa.

**Palavras-chaves:** Quadrilha Junina. Cafundó do Brejo. Traje de Folgado. Traje de Cena. Palmas/TO.

## RESUMEN

En esta investigación presento una reflexión sobre la trayectoria del disfraz de la *quadrilha* junina "Cafundó do Brejo", que ha estado actuando desde su fundación, hace 26 años en la ciudad de Palmas, capital de Tocantins. La investigación comienza desde mi carrera como *quadrilheira*, que comenzó cuando tenía solo cuatro años. La pregunta que subyace en este trabajo es: ¿qué puede revelar el disfraz sobre la trayectoria de la *quadrilha* junina "Cafundó do Brejo"? Por lo tanto, durante el desarrollo de la investigación, se realizó una entrevista con el presidente de esa junina, Raimundo Claudio dos Santos, conocido como Claudio Maranhão e investigación de campo en el concurso junino "Arraiá da Capital", en Palmas. Al final del trabajo, presento los conceptos *Traje de Escena* y *Traje de Folgado* y sus relaciones con el traje del grupo protagonista de la investigación.

**Palabras clave:** *Quadrilha junina. Cafundó do Brejo. Traje de Cena. Traje de Folgado. Palmas/TO.*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURAS 1, 2, 3, 4 e 5:</b> Quadrilha “Sertão Alegre” no “Arraiá da Capital”.....	13
<b>FIGURAS 6 e 7:</b> Quadrilha “Girassol do Cerrado” no “Arraiá Brasil”.....	16
<b>FIGURAS 8 e 9:</b> Rosa conhece e se apaixona por João.....	18
<b>FIGURAS 10, 11, 12, 13 e 14:</b> “Eu quero ver, forró baião, contagiar a multidão.”.....	19
<b>FIGURAS 15, 16, 17 e 18:</b> “Viva os noivos!”.....	20
<b>FIGURA 19:</b> Figurino “Arraiá do Céu está em Festa”.....	21
<b>FIGURAS 20 e 21:</b> Início da quadrilha.....	22
<b>FIGURAS 22, 23 e 24:</b> Enquanto a promessa de Sebastiana não se cumpre, ela dança.....	22
<b>FIGURAS 25, 26, 27 e 28:</b> Dominginhos vem do céu tocar para os noivos.....	23
<b>FIGURA 29:</b> Melhor casal de noivos da primeira etapa do circuito junino.....	23
<b>FIGURA 30:</b> Raimundo Cláudio Dos Santos, fundador e presidente da Quadrilha Junina “Cafundó Do Brejo”.....	25
<b>FIGURA 31:</b> Símbolo presente na bandeira da Quadrilha Junina “Cafundó do Brejo”.....	26
<b>FIGURA 32:</b> Primeira apresentação da junina “Cafundó do Brejo”.....	27
<b>FIGURAS 33 e 34:</b> Tema “Zabumba” no ano de 2011.....	28
<b>FIGURAS 35, 36 e 37:</b> “Cafundó do Brejo” no primeiro ano da Trilogia Cangaço .....	29
<b>FIGURAS 38 e 39:</b> 20 Anos de Cafundó.....	30
<b>FIGURAS 40 e 41:</b> Temática: “Rodeio”.....	31
<b>FIGURAS 42 e 43:</b> Cangaço x Volante.....	32
<b>FIGURA 44:</b> O Amor é Cego.....	32
<b>FIGURAS 45 e 46:</b> Cafundó faz uma homenagem aos 95 anos do Rádio.....	33
<b>FIGURAS 47, 48, 49, 50 e 51:</b> “Cafundó do Brejo” campeã do Arraiá da Capital 2018.....	35
<b>FIGURAS 52, 53 e 54:</b> Bendito Fruto dessa Negra Evolução.....	37

## SUMÁRIO

1	<b>PRIMEIRAS HISTÓRIAS: EU, QUADRILHEIRA</b>	<b>11</b>
2	<b>GRUPO “CAFUNDÓ DO BREJO”: 26 ANOS DE QUADRILHA EM PALMAS/TO</b>	<b>25</b>
3	<b>REFLEXÕES FINAIS: O <i>TRAJE DE CENA</i>, O <i>TRAJE DE FOLGUEDO</i> E A QUADRILHA “CAFUNDÓ DO BREJO”</b>	<b>40</b>
4	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>44</b>

## 1. PRIMEIRAS HISTÓRIAS: EU, QUADRILHEIRA

A minha história com as quadrilhas juninas começou lá na minha infância. Nasci na pequena cidade de Miracema, no interior do estado do Tocantins, região Norte do Brasil e vivi meus primeiros anos de vida em Miranorte, cidade vizinha à minha terra natal. Sou filha de Maria de Jesus e Nilson Júnior, que no ano de meu nascimento, em 1994 moravam na pequena cidade de Miranorte, mas como a maioria dos partos eram feitos na cidade vizinha, Miracema do Tocantins, lá se foi a minha mãe para que eu pudesse nascer com mais segurança. Naquela época minha mãe era empregada doméstica em uma casa que ela trabalhava desde seus sete anos de idade e o meu pai era jardineiro da cidade.

Ainda com poucos anos de vida, viemos: eu, minha mãe e meu pai para a capital, Palmas, em busca de uma vida melhor. Chegando aqui, moramos em uma casa de favor em um bairro chamado Santa Fé, localizado no distrito de Taquaralto, região sul de Palmas. Ali, para completar nossa família, três anos depois do meu nascimento, veio o segundo filho deles, meu irmão caçula, Stefan Lucas. Em Santa Fé, tive meu primeiro contato com as quadrilhas juninas.

Lembro-me que, praticamente todas as minhas férias eram passadas na cidade que sempre teve um lugar no meu coração: Miranorte. Essa era a cidade de residência das minhas avós por parte de pai e mãe, e de alguns dos meus tios, tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai. Ali estava praticamente toda a minha família. Aos meus cinco anos de idade, a cidade passou a ter um vazio para mim, eu perdi ainda muito cedo minha avó materna para um câncer, por alguns anos Miranorte já não era o meu lugar favorito para as férias.

Retomando a história, nesse bairro (Santa Fé) meus pais fizeram amizade com alguns integrantes de uma junina por nome de “Cafundó do Brejo”. Não cheguei a dançar por essa junina, devido minha pouca idade naquela época, inclusive minhas lembranças são bem vastas. Já com quatro anos de idade tive a minha

primeira experiência como quadrilheira pela quadrilha “Sertão Alegre”, onde fiz minha primeira apresentação no “Arraiá da Capital”<sup>1</sup>.

A quadrilha “Sertão Alegre” era um grupo composto por jovens e adolescentes da comunidade Santa Fé, eu era a integrante mais nova do grupo. As minhas lembranças dessa época são bem vagas, mas eu tenho em mim que a paixão pela dança está comigo desde o meu nascimento e é algo mais forte do que eu. Meu primeiro traje de quadrilha se consistia em um vestido branco com detalhes bordados de preto, uma sandália em tons claros e para completar a produção eu usava o cabelo com maria-chiquinha e de maquiagem uma bochecha bem rosada feita com batom. Meu vestido era emprestado por uma das componentes da quadrilha e precisou ser feito alguns ajustes para que ficasse bom em mim (ver imagem 1, 2, 3, 4 e 5).

---

<sup>1</sup> O “Arraiá da Capital” é a festa mais tradicional da capital do Tocantins, Palmas. Trata-se de um concurso de quadrilhas juninas, que atualmente conta também com escolha da rainha, shows musicais, coreto do forró, cidade cenográfica e espaço gastronômico.



**FIGURAS 1, 2, 3, 4 e 5:** Quadrilha "Sertão Alegre" no "Arraiá da Capital"  
Fonte: Arquivo pessoal, 1998

Com o fim da quadrilha “Sertão Alegre”, passei a dançar em quadrilhas da escola onde eu estudava e na maioria das vezes era eu que ocupava a função de noivinha da quadrilha. A disputa na minha escola para ser noivinha era sempre grande, pois era o “cargo” mais importante na quadrilha. “Os noivinhos” são o primeiro casal da quadrilha e são eles que têm a exclusividade de dançar de branco, a roupa da noivinha era sempre branca e se usava um véu na cabeça. Usei a mesma roupa uns dois anos, mas minha mãe sempre fazia algumas mudanças, a minha parte favorita era sem dúvidas colocar o véu. Os pares eram escolhidos por afinidade, cada um podia escolher o seu e eu durante vários anos dancei com o mesmo noivinho. Ali começava um sonho, eu jamais imaginei que dançar em quadrilhas poderia criar em mim um sentimento tão forte pelo movimento quadrilheiro, pelas quadrilhas e pela cultura (s) do meu estado. Ressalto que naquele tempo dançar era apenas uma brincadeira.

No ano de 2004, quando eu tinha 10 anos, participei de uma junina chamada “Estrelas Brilhantes” que era uma extensão da quadrilha “Estrela do Sertão”, quadrilha essa que fazia parte minha tia Geni, irmã da minha mãe e toda a sua família. Naquela época, eu não via a hora de ficar mais velha para poder dançar em uma quadrilha grande também. Nesse mesmo ano (2004), também dancei no “Arraiá da Estrela” que acontecia no bairro Bela Vista, para os moradores de Taquaralto, distrito de Palmas. O “Arraiá da Estrela” era o segundo arraiá mais esperado do ano, depois do “Arraiá da Capital” que na época acontecia no Ginásio Airton Sena, em Taquaralto.

Durante os anos seguintes fiquei apenas como admiradora dessa cultura que fervia dentro de mim. Acompanhei a “Estrela do Sertão” em algumas competições, pude vê-la representar nossa cidade pela primeira vez no ano de 2005, no arraiá nacional em Brasília-DF, sorri com as suas conquistas e chorei muito quando a vi perder. Por muitas vezes me vi perguntando: Como algo tão pequeno para muitas pessoas era tão importante para outras? Aos poucos vi a quadrilha crescer, inclusive vi o esposo da minha tia e algumas pessoas da família dele tatuar o brasão da quadrilha em seus corpos e vi também a família brigar e a quadrilha se dividir, passando a ser duas. Assim, em 2008 dando vida à uma nova quadrilha, surge a chamada “Girassol do Cerrado”, que seria minha paixão pelos anos seguintes.

Em 2009, o ano que eu completaria meus 15 anos, depois de muita insistência para que meus pais me deixassem dançar, já que o nosso acordo era que eu só voltaria a dançar depois dos meus 15 anos (e eu só fazia aniversário em setembro), tive uma ajudinha dos meus professores/a de balé: Dennys Rodrigues, Diego Neves e Karen Kzan. Eles/a concordaram em ser responsáveis por mim enquanto eu estivesse dançando na quadrilha.

Lembro-me até hoje do meu primeiro ensaio na quadrilha “Girassol do Cerrado”, pense leitor/a na emoção de poder está ali, era minha primeira participação em uma quadrilha “grande” e eu já iria participar de uma competição. A quadrilha já estava pronta, o trabalho tinha sido iniciado há meses atrás, então eu teria que correr contra o tempo para acompanhar o restante do grupo. O que eu não imaginava era que substituiria uma integrante que faltou naquele ensaio e que minha primeira apresentação seria no dia seguinte.

Era circuito junino, que funcionava como uma espécie de classificatória, dividida em três etapas, as etapas aconteciam em três finais de semana, em regiões diferentes de Palmas. A cada etapa eram selecionados pelos próprios representantes das juninas em torno de cinco jurados, especializados na área cultural. Ao final, as três quadrilhas com a maior somatória das notas representariam o estado do Tocantins em concursos de cunho nacional. O primeiro lugar participaria do “Nacional de Quadrilhas Juninas” que aconteceu na cidade de Fortaleza-Ceará, o segundo lugar participaria do “Centro-Oeste de Quadrilhas Juninas” que aconteceu dentro do “Arraiá da Capital” nesse mesmo ano de 2009 e a terceira colocada no “Arraiá Brasil” em Brasília-DF.

Para minha surpresa e felicidade vencemos a terceira etapa do circuito junino e ficamos em terceiro lugar na classificação geral, ganhando a oportunidade de representar nosso estado no “Arraiá Brasil”. Quanta emoção, minha primeira participação profissional e eu já senti o gosto de uma vitória. O figurino das damas era composto por vestidos bem coloridos, de saia bem rodada na altura do joelho, as fitas de cetim produziam listras horizontais nas saias e verticais no abdômen, as mangas eram pomposas e tínhamos flores nos cabelos (ver figura 6 e 7). A indumentária masculina era composta por uma camisa e uma calça, seguindo as mesmas cores dos vestidos de suas parceiras, como naquele ano a temática da

quadrilha estava voltada para o cangaço, os cavalheiros usavam cartucheiras, chapéus de cangaço, chinelos de couro e espingarda como acessórios.

Os trajes eram feitos por costureiras da região, mas os modelos e cores eram definidos pela diretoria da quadrilha e custeados pela junina, em função da verba recebida pela prefeitura, sendo de responsabilidade dos brincantes apenas o calçado e as meias.



**FIGURAS 6 e 7:** Quadrilha “Girassol do Cerrado” no “Arraiá Brasil”  
Fonte: Arquivo pessoal, 2009



Nesse mesmo ano tive a honra de dançar no “Arraiá da Capital”, era uma mistura de sensações que eu não consigo explicar, a arena estava lotada e lá estava eu, dançando em uma quadrilha nova, mas que já estava sendo reconhecida pelas outras e fazendo sua história, vencemos o “Arraiá da Capital” e conseguimos subir para a primeira divisão das quadrilhas juninas.

No ano seguinte (2010) fui escolhida como noiva da quadrilha, para quem é quadrilheiro sabe a importância desse cargo, já que o casal de noivos são os responsáveis por “puxar” a quadrilha. Era uma emoção gigantesca poder representar a quadrilha em seu primeiro ano, como uma quadrilha na primeira divisão. Lá estava eu, me envolvendo e me apaixonando ainda mais por aquele movimento, eram madrugadas de ensaios, ajudando na confecção de figurinos, arranjos e chapéus. Ali eu comecei a entender como funcionava esse movimento, eu via o esforço de cada um/a para que o espetáculo saísse como estava no projeto. O projeto da quadrilha é pensado por toda a diretoria que vai do presidente, vice-presidente até a equipe artística. O ponto inicial do projeto é a escolha do tema e a partir daí é definido o figurino, a trilha sonora, a coreografia, o cenário e o teatro.

Nosso figurino era algo novo para aquela época, saias com metros e metros de tule, fios de *nylon* para dar armação às saias, tecidos caros, brilhos, rendas, as meninas de saltinhos e também “evoluímos”, ousamos, no quesito cenário. Meu pai sempre me acompanhava em tudo o que eu fazia e na quadrilha não foi diferente, depois do “Arraiá Brasil” no ano anterior, ele ficou muito empolgado com os cenários que viu e assim que foi definido nosso tema e anunciado o meu cargo de noiva ele entrou para a diretoria artística. Depois dos desenhos prontos e esquematizados, o grupo partiu para a construção, eu vi minha casa virar uma oficina, com ferros espalhados por todo o quintal. Era lindo ver a empolgação dele com a confecção de toda aquela estrutura que consistia em uma caixa de presente gigante (de onde saíria a rainha), um balão de São João (de onde saíam os noivos), um girassol enorme de fundo, duas casinhas e um banco de praça.

Os ensaios se estendiam pela madrugada e ao final de cada um deles ao invés de irmos para casa, nós nos dividíamos em duas equipes: os meninos iam para a confecção do cenário e as meninas para a costureira, assim, foi estabelecido um vínculo muito grande entre todos os/as integrantes e também entre o/a

quadrilheiro/a e o seu figurino. Talvez o contado com toda a produção ou até mesmo a vontade de colocar o figurino pronto no corpo, fez com que criássemos uma empolgação ainda maior com todo o grupo.

Com o tema “O Amor de Rosa Bela e João do Sertão” que conta a história de uma moça rica que se apaixona por um camponês que vivia na vila dos girassóis e que está decidida a enfrentar tudo para viver esse amor, trouxemos no figurino em evidência, a cor amarela que tem como significado a alegria e a disposição e o roxo que remete a magia e o mistério. Na maquiagem as damas traziam as cores do figurino e os cabelos vinham todos com um grande coque e um arranjo em forma de flor amarela em volta dele.

A quadrilha começava com a cena em que Rosa conhece e se apaixona por João (ver imagem 8), em seguida os cavalheiros entravam com uma orquestra (ver imagem 9) e assim dava-se início às danças (ver imagens 10-14). Para finalizar o espetáculo, o casal de noivos entrava no balão onde tiravam o traje que cobria os figurinos de noivos (ver imagens 15 e 16) e saíam para o tão sonhado casamento, se despedindo do público, montados em dois cavaleiros que tem uma abertura ao meio e alças para vestir como se fosse uma roupa (ver imagens 17 e 18). Eu tinha 15 anos e ali eu regava, feito flor, uma das paixões da minha vida. Fui eleita como a melhor noiva do “Arraiá da Capital”, a quadrilha ficou em primeiro lugar e eu fui escolhida como a melhor noiva pela primeira edição dos “Melhores do Ano”<sup>2</sup>.



**FIGURAS 8 e 9:** Rosa conhece e se apaixona por João  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010

---

<sup>2</sup> O vídeo completo da quadrilha “O Amor de Rosa Bela e João do Sertão” do grupo “Girassol do Cerrado” do ano de 2010, encontra-se no link: [https://www.youtube.com/watch?v=eR4y\\_k0pDyQ](https://www.youtube.com/watch?v=eR4y_k0pDyQ)



**FIGURAS 10, 11, 12, 13 e 14:** “Eu quero ver, forró baião, contagiar a multidão”  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010



**FIGURAS 15, 16, 17 e 18: “Viva os noivos!”**  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010

Em 2012 além de dançarina, assumi o papel de coreógrafa da quadrilha, que sem dúvida alguma foi um grande desafio para mim. Em 2013 eu disse que assumiria a quadrilha apenas como coreógrafa, mas acabei não resistindo e também dancei. No ano de 2014 a quadrilha veio com o tema o “Arraiá do Céu está em Festa”, que seria uma homenagem ao nosso grande instrumentista, cantor e compositor brasileiro José Domingos de Moraes, conhecido como Dominginhos.

Mais uma vez recebi o privilégio de vir como a noiva. A quadrilha contava a história de uma noiva que fez uma promessa que só se casaria se Dominginhos tocasse a música de amor do casal. O noivo entra em desespero e pede ajuda para um golpista que consegue arrancar um dinheiro dele, dizendo ser amigo de São Pedro e garantindo conseguir trazer de volta do céu Dominginhos, para o seu casamento. Neste momento da história, que foi teatralizada, com os integrantes em uma escadaria, iniciava-se a dança. A quadrilha contou com diversas cenas teatrais, que aconteciam entre uma coreografia e outra, desenrolando a história dos noivos. Ao final, depois de muita confusão, Dominginhos desceu do céu para realizar o casamento de Antônio e Sebastiana (nome dos personagens do casal de noivos).

A quadrilha trouxe em seu traje a cor azul, que significa serenidade e harmonia; branco, que significa paz, representando o céu; e amarelo que significa

otimismo. A indumentária das damas era composta por um vestido de saia bem rodada, com babados na parte de fora e de dentro da saia, manga longa, sapatos de salto, cabelos em coque com um arranjo em forma de flor e maquiagem seguindo a paleta de cores do figurino; os cavalheiros vinham com camisa de manga longa, colete, calça, sapato social e chapéu (ver imagem 8).



**FIGURA 19:** Figurino “Arraiá do céu está em Festa”  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Foi um ano lindo e logo no começo da temporada fui premiada juntamente com o meu parceiro, como o melhor casal de noivos da primeira etapa do circuito junino. Mesmo sem os títulos que tanto almejamos que eram o estadual e o “Arraiá da Capital” fizemos uma linda temporada. Neste mesmo ano vi que precisava me dedicar mais à minha graduação, porque naquele momento essa era a minha prioridade, já que nos dois anos anteriores eu tinha me prejudicado muito em função de toda dedicação com a quadrilha. Eu precisava dedicar mais a mim mesma e por isso precisava de mais tempo, foi aí que decidi encerrar minha vida de quadrilheira, agora sigo como grande admiradora desse movimento que a cada ano vem crescendo mais e mais.



**FIGURAS 20 e 21:** Início da quadrilha  
Fonte: Nando dos Santos, 2014



**FIGURAS 22, 23 e 24:** Enquanto a promessa de Sebastiana não se cumpre, ela dança  
Fonte: Nando dos Santos, 2014



**FIGURAS 25, 26, 27 e 28:** Dominginhos vem do céu tocar para os noivos  
Fonte: Nando dos Santos, 2014



**FIGURA 29:** Melhor casal de noivos da primeira etapa do circuito junino  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Durante todos esses anos, como estudante universitária no curso de Licenciatura em Teatro da UFT, tive experiências incríveis com professores/as que me marcaram de forma muito especial. Passei por uma série de problemas que

acabaram me distanciando um pouco do meu objetivo maior que era o de concluir o curso. Mesmo tendo que abrir mão das quadrilhas juninas, o sentimento por esse movimento nunca foi esquecido, continuei acompanhando os festivais e admirando o trabalho de todos os grupos.

Por isso decidi homenagear no meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) a quadrilha “Cafundó do Brejo”, a primeira que meus pais e eu conhecemos quando nos mudamos para Palmas no ano de 1995, que é uma quadrilha pioneira na capital e referência para muitos grupos; com foco no seu traje, como será visto no próximo capítulo, tendo em vista a importância do figurino e dos adereços dentro de uma quadrilha junina e a pouca atenção que as pesquisas em Artes Cênicas no Brasil dão sobre esse tema.



## 2. GRUPO CAFUNDÓ DO BREJO: 26 ANOS DE QUADRILHA EM PALMAS/TO

Lembram-se do grupo “Cafundó do Brejo” ao qual tive o meu primeiro contato no movimento junino quando cheguei a Palmas? Pois aqui estou, para contar um pouco mais sobre esse grupo que é pioneiro na cidade, a capital do Tocantins. As informações que seguem neste capítulo, só foram possíveis através da entrevista concedida a mim, pelo estimado Raimundo Cláudio dos Santos, conhecido por Cláudio Maranhão, presidente da junina “Cafundó do Brejo”, no dia 06 de junho de 2019, na sua residência, localizada no bairro/setor Aurenny II, a quem eu deixo meu agradecimento e minha admiração (ver imagem 30).



**FIGURAS 30:** Raimundo Cláudio dos Santos, fundador e presidente da Quadrilha Junina “Cafundó do Brejo”

Fonte: Arquivo pessoal de Cláudio Maranhão

A junina “Cafundó do Brejo”, foi criada no ano de 1993, por um grupo de amigos da igreja São Francisco de Assis, que fica localizada no bairro/setor Aurenny II, região sul de Palmas, após o anúncio da prefeitura da cidade sobre a criação do “Arraiá da Capital”. Na época o grupo ensaiava na própria igreja, ao fundo passava um brejo, assim, quando os/as integrantes eram perguntados sobre onde eles/as ensaiavam, eles/as respondiam que era “lá nos cafundó”, surgindo assim o nome da quadrilha: “Cafundó do Brejo”. A quadrilha tem como cor de sua bandeira, o verde, que representa o sapinho, símbolo da junina; o vermelho, que é a cor da água turva do brejo que passava atrás da igreja; e o branco, que veio como embelezamento da bandeira (ver imagem 31).



**FIGURA 31:** Símbolo presente na bandeira da Quadrilha Junina “Cafundó do Brejo”  
Fonte: Arquivo pessoal da Junina “Cafundó do Brejo”

A primeira apresentação do grupo foi no “Arraiá da Paróquia”, que é o arraiá mais antigo da região (ver imagem 32). Nos dias de hoje acontecem grandes festivais, como o “Circuito Junino de Palmas”. No ano de 1993, a quadrilha fez sua primeira apresentação no “Arraiá da Capital”, conseguindo os títulos de: melhor quadrilha, melhor casal caipira (hoje conhecido como casal de noivos), melhor animador e melhor rainha do arraiá.

Como o grupo junino mais antigo da capital, a quadrilha “Cafundó do Brejo” passou por algumas dificuldades e entre elas está a difícil questão financeira. Entre o ano de 1993 e o ano 2000 a quadrilha não recebeu nenhum tipo de recurso, a partir de 2001, após uma conversa com a prefeita, na época a Nilmar Ruiz, foi sugerido que a prefeitura pagasse um cachê para os grupos que se apresentassem no arraiá. A partir daí, eles passaram a receber um valor de R\$1.200,00.

Vale ressaltar que nos dias de hoje, as quadrilhas de primeira divisão, recebem um recurso no valor de R\$50.000,00 e mesmo assim, ainda é difícil realizar a quadrilha, tendo em vista que o grupo “Cafundó do Brejo”, por exemplo, conta com cerca de 32 casais (quadrilheiros), equipe de produção, técnica, artística e de serviços, gastando por ano ao redor de R\$100.000,00. Assim, hoje em dia, além da verba recebida pela prefeitura, a quadrilha conta também com a ajuda de dois patrocinadores e cachê pelas apresentações que o grupo faz viajando pelo estado. Os brincantes ficam responsáveis por pagar pelos seus sapatos, chapéus e acessórios.



**FIGURA 32:** Primeira apresentação da Junina “Cafundó do Brejo”  
Fonte: Arquivo pessoal de Cláudio Maranhão, 1993

O grupo conta com uma grande coleção de títulos, mas entre eles, existem dois que são muito importantes, segundo o presidente e também criador da quadrilha, são eles: a conquista do decacampeonato no “Arraiá da Capital” no ano de 2018, visto que eles esperaram por esse título desde 2013; e a conquista de vice-campeão no “Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas” no ano de 2010, que aconteceu no Acre. Nesse mesmo ano, aconteceu o estadual de quadrilhas, na cidade de Araguaína, que fica a 384 km da capital e com a falta de ônibus a quadrilha quase não conseguiu se apresentar, mas de última hora tudo deu certo e eles conseguiram vencer e representar o estado, trazendo a segunda colocação.

A quadrilha que sempre se destacou por sua originalidade, tem como inspiração sua própria tradição e sua história, bem como outros grupos e até mesmo em grandes figuras das culturas juninas espalhadas pelo país, por ser muito forte no Nordeste brasileiro, existem grandes nomes que se destacam nesse meio quadrilheiro, como rainhas juninas nomeadas nacionalmente, coreógrafos/as, casais de noivos e figurinistas.

A quadrilha “Cafundó do Brejo”, atualmente conta com diversas pessoas que formam a diretoria e são as responsáveis pelo projeto da mesma. Entre elas estão os/as coreógrafos/as, cenógrafos/as, figurinistas e o/a criador/a do tema. Esse grupo que forma a diretoria começa a trabalhar assim que se finaliza a temporada, ou seja, por volta do mês de agosto e setembro. Todos os envolvidos no projeto são de

dentro da quadrilha e não recebem nada, tudo é feito por amor ao grupo, afirma Cláudio Maranhão (2019).

Durante muito tempo a quadrilha seguiu certo “padrão” em seus figurinos, saias bem rodadas, mangas pomposas, muito coloridas, explorando os tecidos e estampas juninos, mas, devido às temáticas que foram surgindo, ficou cada vez mais difícil encaixar o figurino chamado no meio quadrilheiro de “tradicional”, nos temas da quadrilha. Assim, no ano de 2011, depois de conquistar o vice-campeonato no “Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas” em 2010, a quadrilha começou a ousar e se arriscar cada vez mais no figurino. Com o tema “zabumba” o grupo trouxe a zabumba<sup>3</sup> como instrumento para dentro da quadra e também no figurino como adereço (ver imagem 33 e 34).



**FIGURAS 33 e 34:** Tema “Zabumba” no ano de 2011. Fonte: Blog Oficial da Quadrilha Quadrilha “Cafundó Do Brejo”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Zabumba é um tambor confeccionado de pranchas de madeira coladas com veios alternados ou metal, no formato de caixas cilíndricas.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://cafundodobrejo.blogspot.com/2011/09/1-setembrina-no-capim-dourado-shopping.html?m=0>

Em 2012, a quadrilha trouxe como tema o “Cangaço”, as indumentárias surgiram ainda mais temáticas, como podem ser observadas e admiradas através das imagens 35, 36 e 37. Este sem dúvidas foi um ano de muitas surpresas para quem acompanha a quadrilha há muitos anos, pois foi o primeiro ano que a junina deixou as suas saias e mangas pomposas - que já eram uma marca registrada da quadrilha - e trouxe dois figurinos diferentes para dentro da arena. Ali, eles/as começavam a contar uma história que seria dividida em três partes. Cangaceiros *versus* Volantes. Que espetáculo! Não posso deixar de citar os/as personagens que me causaram grande admiração e que acredito ter encantado ainda mais essa história: Dada e Corisco.





**FIGURAS 35, 36 e 37:** “Cafundó do Brejo” no primeiro ano da Trilogia  
Fonte: Arquivo pessoal da Junina “Cafundó do Brejo”, 2012

Em 2013, eles voltaram com os figurinos “mais tradicionais”, termo usado por Cláudio Maranhão, já que neste ano eles estavam comemorando os “20 Anos de Cafundó”. Para acompanhar as comemorações de 20 anos de história, a quadrilha trouxe de rainha, a quadrilheira Fernanda Lopes, mais conhecida como Fernandinha, que é uma das pioneiras do grupo e tem grande nome no movimento junino de Palmas. Observar-se em seu figurino, as cores da bandeira da quadrilha e suas famosas mangas e saias. Neste ano a quadrilha venceu o arraiá da capital e também viajou para a Colômbia, para se apresentar em um evento que divulgaria destinos turísticos do Brasil, já que no ano seguinte aconteceria a copa do mundo no nosso país (ver imagens 38 e 39).



**FIGURAS 38 e 39:** 20 Anos de Cafundó  
Fonte: Arquivo pessoal da Junina “Cafundó do Brejo”

Em 2014, com o tema “Rodeio”, a quadrilha trouxe em seu figurino o típico traje de peão (ver imagens 40 e 41): botas e roupas com detalhes que imitavam o

coro das roupas dos peões. A quadrilha trouxe para a arena a história de um sertanejo que sai da sua terra para se tornar um *cowboy* e com o dinheiro dos rodeios, ele poderia pagar o tratamento de câncer do irmão. O *cowboy* por nome de “Tião” que se apaixona por uma morena, precisa ganhar o rodeio para conseguir a mão de sua amada em casamento, mas ele sofre um acidente e quem o salva é a santa protetora dos peões do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Assim, ele se casa com sua amada. A quadrilha nesse mesmo ano foi convidada para fazer uma apresentação na festa de peão de Barretos, no estado de São Paulo.



**FIGURAS 40 e 41:** Temática: “Rodeio”  
Fonte: Arquivo pessoal da Junina “Cafundó do Brejo”

Em 2015, eles voltaram com o tema “Cangaço”, segundo ano da trilogia, assim, novamente a quadrilha se dividiu, a partir de dois figurinos diferentes: de um lado os cangaceiros e do outro os policiais (soldados); representando uma disputa entre cangaceiros e volantes (ver imagens 42 e 43). Segundo Cláudio Maranhão, neste ano o grupo perdeu o título de campeã por 0,4 décimos, por causa de um problema no cenário, ou seja, os detalhes técnicos e visuais são de suma importância.



**FIGURAS 42 e 43:** Cangaço x Volante  
Fonte: Arquivo pessoal de Cláudio Maranhão

Em 2016, a quadrilha retoma sua inspiração no figurino quadrilheiro “tradicional”, repare na figura 44, os tecidos usados na borda da saia, que apesar do volume traz a “cara” da quadrilha. O tema deste ano foi “O Amor é Cego”. Uma linda história de uma mulher que se apaixona por um rapaz cego e que nos mostra as infinitas possibilidades através do amor.



**FIGURAS 44:** O Amor é Cego  
Fonte: Arquivo pessoal de Emerson Mota



No ano seguinte (2017) o tema foi “Rádio”, onde a quadrilha homenageou os 95 anos do rádio no Brasil. Observa-se em seus figurinos, elementos como as notas musicais e o azul dos trajes (que acredito que tem a ver com ondas, da expressão “ondas do rádio”). Neste ano, a rainha da quadrilha junina veio representando Linda Batista, que no ano de 1937 foi a primeira cantora a ser eleita Rainha do Rádio. Vale ressaltar que Linda Batista manteve esse título por onze anos seguidos. As damas vieram representando as divas do rádio, os cavalheiros os radialistas, o marcador representava o locutor e o casal de noivos, representavam o amor que nasceu no São João. Como cenário, um enorme rádio tomava um grande espaço, ao fundo da arena. Durante toda a quadrilha, através de seu repertório, se fazia homenagens aos grandes nomes do rádio, inclusive a Luiz Gonzaga, que foi o primeiro tocador a levar uma zabumba e um triângulo para uma estação de rádio.



**FIGURAS 45 e 46:** Cafundó faz uma homenagem aos 95 anos do Rádio  
Fonte: Kadu Fotografia, 2017

Em 2018, com o final da trilogia sobre o “Cangaço”, eles voltaram com este tema e dessa vez com o figurino ainda mais temático, trazendo em sua produção, grandes cenários (ver figura 46, 47, 48 e 49). Vale lembrar que toda a história começou em 2012, quando Lampião foi morto durante um confronto e teve a segunda parte apresentada em 2015, onde os dançarinos apareceram de armas na arena do arraia para mostrar a vingança pela morte do líder do cangaço. Em 2018, após 5 anos sem vencer, a quadrilha “Cafundó do Brejo” conseguiu se superar e

conquistou o tão sonhado título que como dito anteriormente, neste ano teve um gosto especial, pois se tratou da décima vez que a quadrilha venceu o “Arraiá da Capital”. A história da quadrilha intitulada “Enquanto a cidade dorme” se passou em Poço Redondo, no interior de Sergipe. Cangaceiros e volantes ressuscitam para promover a paz e fazer com que a cidade se desenvolva.

Segundo Cláudio Maranhão, em entrevista realizada para a TV Anhanguera<sup>5</sup>, o grupo decidiu fazer a trilogia porque a história é muito bonita e tem muitos elementos. Tanto em 2012, quanto em 2015 o tema foi baseado em fatos reais e que a última quadrilha da trilogia se trata de uma história fictícia inventada pela Cafundó, a partir de Cangaceiros e volantes que revivem para se perdoarem e através do perdão, a cidade devastada pela guerra volta a prosperar.

Para tanto, um cemitério foi montado na arena. Na história, o rei e a rainha da quadrilha representam um casal de indígenas (ver imagem 50), que ressuscitam os personagens principais da história. Quem ceta a paz entre eles, é o casal de noivos. Descendentes dos grupos rivais, eles se apaixonam e acabam unindo os dois grupos. Quem faz o casamento, ao final, é padre Cícero. O tema é uma criação de Rômulo Brasileiro, que ganhou o título de melhor marcador.

---

<sup>5</sup> Entrevista disponível através do link: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/trilogia-do-cangaco-leva-cafundado-do-brejo-ao-titulo-depois-de-cinco-anos-de-jejum.ghtml>





**FIGURAS 47, 48, 49, 50 e 51:** “Cafundó do Brejo” campeã do “Arraiá da Capital” 2018  
Fonte: Luciana Pires/ Prefeitura de Palmas <sup>6</sup>

Nesse ano (2019), com o tema “Bendito Fruto desta Negra Evolução” que falou sobre racismo e liberdade religiosa, o grupo trouxe figurino, adereços e cenários com elementos da cultura africana, afro-brasileira e baiana, como a pintura do Olodum, suas cores e os figurinos das damas fazendo referência às rainhas negras, africanas. A quadrilha tentou manter um pouco do traje tradicional, mesmo que de forma sucinta, ou seja, buscou não “estilizar” por completo, como se pode observar através das saias rodadas, os babados, as flores (ver imagem 50, 51 e 52). O resultado foi o seu 11º título, se consagrando campeã do ano, vencedora do “Arraiá da Capital” 2019. O prêmio foi um troféu e R\$ 30.000.

---

<sup>6</sup> Idem.



**FIGURAS 52, 53 e 54:** Bendito Fruto desta Negra Evolução  
Fonte: Júnior Suzuki/Prefeitura de Palmas<sup>7</sup> e Arquivo pessoal da Junina “Cafundó do Brejo”

<sup>7</sup> As imagens dispostas, dentre outras, estão disponíveis no link: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/06/24/junina-cafundo-do-brejo-vence-arraia-da-capital-e-chega-ao-11o-titulo.ghtml>

Desta forma, ao longo dos anos o que se pode perceber é que o grupo vem buscando manter o figurino tradicional quadrilheiro, mas introduzindo elementos cênicos e visuais, a partir do tema escolhido, a cada ano. Abrindo espaço para os/as responsáveis por essa parte do projeto, exporem também seu estilo e criatividade, tendo em vista que cada um/a tem seu próprio modo de pensar o figurino. Devida a sua autenticidade, segundo Cláudio Maranhão, o grupo não está muito focado em seguir o que acontece em outros grupos juninos pelo Brasil, como em grande parte dos grupos do Nordeste, que ao longo dos anos vem inovando em seus figurinos, trazendo muitas cores, brilho e luxo. Ou seja, os figurinos que antigamente eram bem simples, dão espaço a indumentárias riquíssimas em detalhes, utilizando tecidos caros e muitos bordados em pedrarias e rendas. Em suma, o “Cafundó do Brejo” não deseja abandonar a tradição quadrilheira, a simplicidade, a sua essência, por isso seguem com seu modo de fazer, criando sua própria tradição. Que transita e se equilibra entre o tradicional e o contemporâneo, a partir da escolha de seu tema.

Finalizo este capítulo, com as palavras de Cláudio Maranhão. No final da entrevista, perguntei se ele teria algo a mais para compartilhar sobre o grupo que ele ajudou a criar e que hoje é presidente e que tem toda sua família envolvida, e ele me respondeu:

Nesses 26 anos de “Cafundó do Brejo” é, a gente teve momentos de alegria e de tristeza, né? Perdemos alguns amigos que foram da quadrilha, mas é assim, o que fica pra gente é sempre a alegria né, a alegria de dançar o São João. Eu falo que enquanto eu for vivo vai existir Cafundó, seja tradicional, ou seja, competindo, mas vai existir, seja pra dançar na igreja, seja pra dançar na escola, né? O ano que vem, esse ano eu tentei fazer um tradicional, porque eu queria dançar um casamento caipira, uma coisa mais alegre, mais divertida mas aí me convenceram ainda a fazer um tema mais forte, né? Porque ano passado foi muito forte, a trilogia do cangaço, o final, mas ano que vem eu acho que a gente vai manter uma temática mais voltada para o casamento caipira realmente, mais tradicional com figurino belíssimo, mas algo mais tradicional, bonito de se ver que possa competir em qualquer lugar de igual pra igual, mas que seja algo realmente mais voltado pras origens do São João, com músicas bem tradicionais de São João. Tem muita gente que ainda estranha quando a gente traz um tema da Bahia, por exemplo, e tem musica de axé, muita gente estranha, muita gente acha lindo, belíssimo, mas tem gente que estranha ainda porque gosta do tradicional, né. Acha que quadrilha tem que ser algo tradicional e não é, hoje o que diferencia as quadrilhas são isso né, a questão de temas que não são tradicionais, que vem pra competir, mas assim,

essas coisas são marcantes porque a gente fez tema bem tradicional e tema bem como esse ano mesmo, bem fora do tradicional, colocou bastantes músicas, axé, músicas baianas... A quadrilha não perde sua essência, ela traz algo novo, mas sem perder a essência que é o São João (SANTOS, entrevista, 2019).

## REFLEXÕES FINAIS: O *TRAJE DE CENA*, O *TRAJE DE FOLGUEDO* E A QUADRILHA “CAFUNDÓ DO BREJO”

Para iniciar este capítulo, esta reflexão final, irei trazer o autor Fausto Viana (2012, 2014) e as autoras Carolina Bassi (2014) e Rosane Muniz (2012), a partir dos livros “Traje de cena, Traje de folguedo” e “Diário de pesquisadores: Traje de cena”.

Fausto Viana que tem em sua bagagem nove livros publicados pela editora “Estação das letras e cores”, é um dos grandes nomes da pesquisa de trajes de cena e muito importante no universo do mundo dos figurinos, professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicação e Artes da USP (onde também estudou Artes Cênicas), fez doutorado em artes e em museologia e também pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. Rosane Muniz é formada em jornalismo, tem doutorado em artes cênicas, tem um site no qual investiga e registra tudo o que se faz e fala sobre figurino, atuou como curadora adjunta da mostra figurinos radicais e é professora da pós-graduação em cenografia e figurino do Centro Universitário Belas Artes. Carolina Bassi de Moura é doutoranda e mestre em artes cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP. É professora de figurino, cenografia e direção de arte dos cursos de pós-graduação do Centro Universitário Belas Artes e da Academia Internacional de Cinema, ambos em São Paulo.

Existindo poucas pesquisas sobre o figurino junino no curso de Teatro na UFT podemos dizer também aqui que esse é um trabalho pioneiro no curso e ressalto mais uma vez a importância dessas pesquisas para a valorização desse movimento e pelo registro para as próximas gerações.

Primeiramente, segundo os autores/as o *traje de cena* é um conceito mais amplo utilizado para descrever os trajes das artes cênicas no geral, como a dança, o circo, o teatro, a *performance* e até mesmo shows. E o *traje de folguedo* são as indumentárias usadas nas festas, nos divertimentos, nas brincadeiras de caráter popular, incluindo os trajes folclóricos.

Ao falar em traje de folguedo, Fausto Viana (2014) cita e valoriza a transformação e o registro dos trajes das manifestações culturais, como faço nesta pesquisa, ao afirmar que:



Acima de tudo, deve-se incentivar registros do que acontece hoje nas manifestações, porque a única certeza que se pode ter é de que elas vão mudar, vão se transformar, como acontece geralmente com as artes do povo. Nós não só queremos que isso aconteça, para que a festividades ou celebração continuem existindo, mas também para mantermos um olhar atento aos novos trajes que serão propostos nessas renovações do futuro. (Viana, 2014, p. 256)

Sobre o *traje de cena*, ele é um dos elementos cênicos de grande importância em uma representação, ele faz parte do personagem e acredito que ele está ali, ele funciona como um elo de comunicação entre o ator/bailarino/performer e o espectador. Fausto Viana (2014), traz em seu livro “Traje de Cena, Traje de Folgado” uma citação de Patrice Pavis, a partir de uma visão bem ampla sobre o *traje de cena*, ao trazer o termo figurino, que diz o seguinte:

O figurino é, no teatro, um embebedor natural entre a pessoa física e privada do ator e a personagem da qual ele veste a pele e os aparatos. Perfeito agente duplo, ele é levado por um corpo real para sugerir uma personagem fictícia. (PAVIS in VIANA, 2003, p. 169-170).

Levando em consideração as diversas entrevistas que se encontram no livro “Traje de cena, Traje de folgado” podemos ver a importância no processo criativo dos diversos trajes, sejam eles *trajes cênicos* ou *trajes de folgado*. Os trajes não estão ali apenas como um enfeite, mas sim como uma peça chave. Em uma entrevista com Severo Luzardo (2014) que é figurinista e carnavalesco, pode-se observar mais detalhes da composição dos trajes:

O estudo da indumentária, seja histórica, seja de uma cultura específica, alimenta as fases seguintes de qualquer projeto de figurinos. A partir de então, o criador passa para a definição das cartelas de cores e preocupação com o público que irá vestir as criações. Assim, o trabalho vai se delineando. (LUZARDO in Viana, 2014, p. 318).

Em minha opinião, a quadrilha “Cafundó do Brejo”, a partir de sua trajetória, transita entre os dois conceitos, ou seja, entre o *traje de cena* e o *traje de folgado*. No início, voltando aos tempos de sua criação, o grupo junino se apresentava de

forma tradicional, contando histórias de casamento caipira e com figurinos coloridos, mangas bufantes, saias rodadas e músicas juninas tradicionais.

Naquela época o grupo junino fazia uso do que os/as autores/as chamam de *traje de folgado*, um traje típico junino que pertence a tradicional quadrilha da cultura popular, festejando São João e Santo Antônio que são os donos dessa festa folclórica, com forte presença nas regiões Norte e Nordeste do nosso país.

Com o passar dos anos o grupo foi sentindo a necessidade de introduzir elementos cênicos e visuais. A cultura foi se transformando, se modernizando e o grupo procurou também investir em temas fortes e marcantes e foi aí que surgiu a necessidade de introdução desses elementos teatrais.

Para exemplificar, vale ressaltar que o *traje de cena* apareceu na quadrilha “Cafundó” a partir do momento em que novas propostas de temas foram lançadas, podemos ver como marco inicial o ano de 2010, quando a quadrilha trouxe como tema e adereços, a zabumba. Acredito que um tema muito forte e que nos faz entender ainda melhor sobre a quadrilha trazer o *traje de cena* para a arena das festas de São João é também o ano de 2012, ano em que o “Cafundó” trouxe não apenas figurinos, adereços e cenários, mas também a utilização do teatro durante toda sua apresentação.

Assim, o que se pode observar é a transição do *traje de folgado*, da quadrilha tradicional, para o *traje de cena*, um traje teatral, cênico e visual, que se modifica a partir da escolha do tema escolhido pela quadrilha “Cafundó do Brejo”, a cada ano. Vale ressaltar que essa transição também se dá ao revés, ou seja, quando sente necessidade, a quadrilha transita do *traje de cena*, para o *traje de folgado*, trata-se de um “retorno às raízes”, como pode ser visto nos exemplos compartilhados no capítulo anterior.

Sobre este ponto, Fausto Viana (2014) conclui algo sobre carnaval do Rio de Janeiro, que acredito que se enquadra muito bem ao movimento junino de Palmas e sem dúvidas descreve muito bem a quadrilha “Cafundó”: “As inovações se prestam a manter a tradição e quando tudo parece que está muito igual e uniformizado, algo novo aparece para alimentar essa tradição” (VIANA, 2014, p.318-319).

Ao final, concluo que mesmo com a introdução dos elementos cênicos e teatrais, o grupo quadrilheiro “Cafundó do Brejo” sempre busca de alguma maneira,

manter o figurino tradicional junino, ou seja, o *traje de folgado*, algo que acho admirável e sem dúvida um ponto forte do “Cafundó”, que tem uma longa e linda história no meio junino do Norte de nosso país.

Termino esta dissertação ressaltando a importância das quadrilhas juninas em Palmas, essa manifestação que é tão forte e que envolve tantas pessoas em toda a cidade de Palmas. Atualmente, ao redor de 17 grupos quadrilheiros juninos se apresentam todos os anos no “Arraiá da Capital”, divididos em grupo de acesso e grupo especial.

Esse movimento todos os anos gera diversos trabalhos para a população e sem dúvidas o maior deles é a mão de obra para a confecção de nossos figurinos, sem contar com as diversas possibilidades que muitas das juninas oferece a seus componentes, onde muitos deles encontraram até mesmo profissões dentro de seus grupos.

Cada grupo tem suas individualidades e seu modo de trabalhar, mas o que une a todos de algum modo é o amor pelo mesmo movimento, pela quadrilha junina. Vale lembrar que além do “Arraiá da Capital”, as quadrilhas também concorrem ao circuito junino, que escolhe as melhores quadrilhas para o concurso estadual e do estadual saem as representantes do Tocantins para o concurso nacional, o “Arraiá Brasil” e o “Centro Oeste” de quadrilhas.

A existência da quadrilha “Cafundó do Brejo” uma das mais tituladas e tradicionais do nosso estado nos mostra o quão lindo, forte e emocionante é esse movimento que vem envolvendo gerações e fortalecendo essa cultura dentro da nossa comunidade. Acredito que com as pesquisas e os incentivos necessários, esse movimento só tende a crescer e se tornar cada vez mais forte, e que assim como a junina “Cafundó do Brejo” tem muito a nos ensinar, a nossa cultura, ou melhor, as nossas culturas (para fortalecer a pluralidade de saberes e a nossa diversidade), estão aí para nos mostrar o quão rico é esse nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Raimundo Cláudio dos. **Cafundó do Brejo**. Palmas: 06/06/2019. Entrevista concedida a Stéfany Monithely Aquino da Silva.

VIANA, Fausto.; MUNIZ, Rosane. **Diário de pesquisadores: Traje de cena**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

VIANA, Fausto.; BASSI, Carolina. **Traje de cena, Traje de folgado**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

Veloso, Jorge das Graças. **Bendito, divino, consagrado: velhos mestres e novos foliões**. Brasília: Trampolim, 2018.